



## ASPECTOS DO PÚBLICO E PERCALÇOS DOS ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Maria do Socorro Amaro<sup>1</sup>  
Guaraciane Mendonça de Lima<sup>2</sup>

### RESUMO

A Educação de Jovens e Adultos antes de receber esse nome, já existia em nosso país desde o período colonial para fins de alfabetização que teve viés catequético, tecnicista e atualmente mais construtivista e humanista. A relevância do tema consiste na abordagem da EJA no ponto de vista do estudante, ou seja, quais são os obstáculos vivenciados até que se consiga manter interesse e progredir com êxito nos estudos e possibilitando um futuro melhor ou, pelo menos, um presente mais digno. Objetiva-se compreender quais são o público alvo e percalços que o estudante de EJA vivencia dentro e fora da sala de aula, apesar dos inúmeros investimentos e incentivos para permanência dos mesmos nessa modalidade. A metodologia utilizada para o presente trabalho é a pesquisa bibliográfica qualitativa, adquirida através de artigos científicos, livros de teóricos da área, vídeos de entrevistas com docentes e discentes disponibilizados no *Youtube*, diálogos com docentes de EJA das redes municipal e estadual para atualizações de dados da modalidade. Os resultados mostram a modalidade ainda tem contribuições a oferecer aos interessados que querem retornar a educação e que é necessária para modificar o panorama de abismo social presente na realidade brasileira, onde os mais abastados estudam no tempo certo e os mais marginalizados estudam quando podem.

**Palavras-chave:** EJA; Pedagogia; Panorama; Desafios; Público-alvo.

### ABSTRACT

Before receiving this name, Youth and Adult Education already existed in our country since the colonial period for literacy purposes, which had a catechetical, technical and currently more constructivist and humanist bias. The relevance of the theme is the approach of YAE from the student's point of view, that is, what are the obstacles experienced until one manages to maintain interest and successfully progress in studies and enabling a better future or, at least, a more dignified present. The objective is to understand the target audience and mishaps that the EJA student experiences inside and outside the classroom, despite the numerous investments and incentives for their permanence in this modality. The methodology used for the present work is qualitative bibliographic research, acquired through scientific articles, books by theorists in the area, videos of interviews with teachers and students made available on Youtube, dialogues with YAE teachers from municipal and state networks for data updates of the modality. The results show that the modality still has contributions to offer to those interested who want to return to education and which is necessary to change the panorama of social abyss present in the Brazilian reality, where the richest study at the right time and the most marginalized study when they can.

<sup>1</sup> Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia pelo Centro Universitário UNIESP. E-mail: masocorroamaro8@gmail.com

<sup>2</sup> Mestre em História pela Universidade Federal da Paraíba-UFPB. Docente do Centro Universitário UNIESP. E-mail: guaraciane.lima@iesp.edu.br



**Keywords:** YAE; Pedagogy; Outlook; Challenges; Target Audience.

## 1 INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA), antes de receber esse nome, já existia em nosso país desde o período colonial para fins de alfabetização com viés catequético, ou seja, para fins doutrinários vindos dos jesuítas, que não teve a preocupação de educar para identificação cultural, mas modificá-la para atender os moldes europeus e, principalmente, religiosos. Fávero (2004) diz que:

Vive essa história há muitos anos, esclarece que apesar da discussão sobre a escolarização dos adultos no Brasil existir desde a Colônia e o Império, é somente a partir da década de 1940 que o analfabetismo começa a ser tratado como um problema nacional, preocupando e mobilizando o poder público.

Avançando no tempo, a EJA passou a atender as necessidades de uma sociedade que fez da educação como formadores de mão de obra, seja nas grandes fábricas metropolitanas, seja nos grandes latifúndios agropecuários, contudo que não atendem aos anseios da classe trabalhadora, muito menos aos objetivos de vida de cada indivíduo, porém observa-se que essa educação atende as demandas políticas e elitistas, com isso os investimentos na área não eram discutidos, possuía poucos recursos e era subestimado. Segundo Oliveira (2003, p. 64)

A educação popular surge no Brasil, na década de 1960, inserido num contexto histórico de contradição de classes, de lutas, resistências populares contra a opressão e alienação de uma cultura dominante sobre a cultura popular. E, nesse processo de resistência, situa-se a problemática da democratização do ensino público, ou seja, do acesso ao sistema escolar e da permanência nele pelas camadas populares.

A partir de pensadores, como Paulo Freire, Demerval Saviani e Anísio Teixeira, o panorama tecnicista começa a ser moldada para uma pedagogia construtivista, voltada para a realidade do indivíduo e transformação social, desse modo àquele que antes era “mão de obra” é visto como um indivíduo com objetivos e capazes de modificar seu cotidiano e esse fator seria crucial para que essa modalidade fosse exitosa. De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996, p. 30):

A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria. § 1o Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

A relevância do tema consiste na abordagem da EJA no ponto de vista do estudante, ou seja, quais são os obstáculos vivenciados até que se consiga manter interesse e progredir com êxito nos estudos e possibilitando um futuro melhor ou, pelo menos, um presente mais digno.

Com os avanços da modalidade, com materiais didáticos específicos, professores capacitados sendo até mesmo especialistas na área, com escolas adequadas para atender a esse



público e apesar da abordagem mais humanizada e receptiva por que ainda existe a desmotivação e ocorrência de desistências dos estudantes da EJA?

A hipótese que pode ser levantada é o cotidiano do público da modalidade: trabalho, rotina doméstica e familiar, conflitos geracionais entre os próprios colegas de classe, precariedade de transporte, desestímulo vindo de parentes e amigos, em alguns casos os estudantes precisam levar suas crianças por falta de creche ou outro responsável que fique com elas.

Outra hipótese parte dos docentes: as turmas de EJA possuem materiais específicos para as aulas, porém eventualmente os professores reaproveitam planejamentos e materiais de Ensino Regular para a modalidade citada anteriormente, com isso pouco dos materiais didáticos específicos para a EJA são aproveitados, apesar da riqueza de conteúdo. Também os professores necessitam complementar suas cargas horárias e as concluem com as classes de EJA após horas a fio em sala de aula e parte dos estudantes pode ter faixa etária mais avançada que o docente, podendo gerar conflito etário entre professor e aluno.

De acordo com a problemática e com as hipóteses expostas objetiva-se compreender quais são o público alvo e percalços que o estudante de EJA vivencia dentro e fora da sala de aula, apesar dos inúmeros investimentos e incentivos para permanência dos mesmos nessa modalidade.

A metodologia utilizada para o presente trabalho é a pesquisa bibliográfica qualitativa, adquirida através de artigos científicos, livros de teóricos da área, vídeos de entrevistas com docentes e discentes disponibilizados no *Youtube*, diálogos com docentes de EJA das redes municipal e estadual para atualizações de dados da modalidade. Serão abordados teóricos como Paulo Freire, Demerval Saviani, Anísio Teixeira entre outros pesquisadores da modalidade.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A temática exige dedicação e pesquisa sobre os acadêmicos que se debruçaram sobre o assunto nos mais diversos ângulos, como o do docente que cumpre sua carga horária na EJA e identifica as dificuldades sendo professor dessas turmas, como a da instituição de ensino que abre vagas, mesmo sabendo do alto custo e do que é repassado à escola, também da equipe gestora que questiona se ainda é um bom investimento a manutenção dessas turmas, para os funcionários que faz hora extra no turno noturno para garantir transporte, segurança, alimentação e limpeza.

O que muitas vezes é indagado à qualidade de ensino oferecido para esses jovens e adultos, o estímulo para a permanência em sala de aula, a contribuição social que esses estudantes ainda podem oferecer à sua comunidade, como a sociedade acolhe esses estudantes para que sigam em frente nesse processo pouco valorizado. E as pesquisas baseadas na vivência dos alunos? Qual a contribuição acadêmica sobre essa temática?

É sábio dizer que existem artigos científicos, monografias, dissertações e teses sobre a experiência de um ex-aluno oriundo da EJA e muitos acadêmicos as utilizam como fontes para suas pesquisas, contudo existe uma tendência em utilizar em menções os teóricos já renomados, pondo em segundo plano trabalho originário de pessoas que tiveram a experiência em se instruir na modalidade.

Lembrando que tais teóricos não podem ser ignorados e sempre estarão presentes, pois servem de base para essa e outras pesquisas, sendo através das afirmativas dos mesmos que o objeto de pesquisa é desenvolvido. O que pode ser observado é que são poucos ex-estudantes da EJA que chegam ao Ensino Superior e decidem redigir as suas experiências para que sejam conhecidas e reconhecidas no meio acadêmico, muitas vezes por acreditar que não merecem



ser compartilhadas ou então por considerar desinteressante o que vivenciou estudando na modalidade.

Sendo assim as experiências vivenciadas pelos egressos somadas às renomadas pesquisas elaboradas por teóricos é que fazem a diferença na construção de uma pesquisa, pois aglutinam ideias das mais diversas fontes e enriquecem a pesquisa para que alcance a sua relevância. Esses fatores unidos fazem com que a pesquisa sobre EJA nunca se repitam, pois autores diversos possuem pontos de vista distintos.

## 2.1 A CARA DA EJA: PÚBLICO ALVO

As pessoas que procuram a Educação de Jovens e Adultos tendem a entrar nessa modalidade para suprir as necessidades do cotidiano, seja aprender a assinar o nome para fins empregatícios ou então retomar os estudos após defasagem no ensino regular do Fundamental e Médio. São jovens e adultos que não tiveram oportunidade de estudar no popularmente chamado tempo certo e em alguns casos de deixarem passar o já citado tempo certo, apesar de não existir tempo certo para aprender. Para Arroyo (2006, p. 24):

O público da EJA é composto por jovens e adultos com uma História (...) que tem que ser reconhecida, para acertar com projetos que deem conta de sua realidade e de sua condição. Sabemos muito pouco sobre a construção dessa juventude, desses jovens e adultos populares com trajetórias humanas cada vez mais precarizadas.

Um dado a ser levado em conta são as origens desse público alvo, os idosos que viveram ou vivem em áreas rurais, que possuem carga de trabalho cansativa e de forma geral são analfabetos ou possuem pouca escolaridade, são pobres e entraram no mercado de trabalho muito cedo.

Mesmo diante dessas constatações e, sobretudo, diante da visão que os jovens e adultos não alfabetizados possuem de si mesmos, é preciso ter clareza de que o analfabetismo tem várias acepções, e que os alunos que buscam a escola de EJA, embora não saibam ler nem escrever, em grande parte são alfabetizados no que diz respeito ao trabalho: na construção civil, no campo, na agricultura, na pecuária. (CALHÁU, 2007,p.85)

Outro fator que perpetuou esse quadro de baixa escolaridade, pelo menos no caso das mulheres idosas, foi o machismo presente enquanto eram jovens que podiam frequentar o ensino regular, que inicialmente inibidas pela figura masculina (pai, tio, avô, irmãos) não era autorizada a estudar para não entrar em contato com outros homens. Já entrando na juventude viam no casamento um falso passe de liberdade, que logo o companheiro a inibia também de estudar, pois não era considerado necessário para os afazeres domésticos.

Representa uma dívida social não reparada para com os que não tiveram acesso a e nem domínio da escrita e leitura como bens sociais, na escola ou fora dela, e tenham sido a força de trabalho empregada na constituição de riquezas e na elevação de obras públicas. Ser privado deste acesso é, de fato, a perda de um instrumento imprescindível para uma presença significativa na convivência social contemporânea (BRASIL, 2000, p. 5)

Os mais jovens que buscam essa modalidade já vieram de diversas reprovações no ensino regular e busca a EJA como tentativa de permanência nos estudos, sendo esse retorno



aos estudos é consequência de anos botando a aprendizagem em segundo plano, priorizando outros aspectos da vida como amizades, namoros, entretenimento e assim constrói um pensamento de que a educação não supre suas necessidades pessoais. Também há casos de que os jovens procuram a EJA para fugirem do *bullying* sofrido enquanto estavam no ensino regular ou então optam estudar a noite para fugirem da rotina, sem o foco no estudo. Para Freire (2013, p. 115):

É uma relação horizontal de A com B. Nasce de uma matriz crítica e gera criticidade. Nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso só o diálogo comunica e quando os dois polos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se então uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação.

Já a questão dos adultos e idosos esbarra na necessidade de aprimorarem seus estudos para garantirem seu sustento, seja a praticidade de assinar o nome e compreender textos, seja para saírem da rotina, ou então esbarram na necessidade mais básica: ter um comprovante de escolaridade, contudo poucos abordam a vontade de melhorar de vida, de compreensão do mundo e de mudança de sua realidade, como elabora Saviani (2005, p. 13):

[...] o objeto da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo.

Um fator relevante é que muitos são conscientes do papel da educação para a melhoria da qualidade de vida, entretanto quando são questionados a seguir adiante com os estudos, muitos ficam satisfeitos com a EJA e não prosseguem para o passo seguinte, seja EJA Médio ou até mesmo uma graduação.

É pensar na classe de trabalhadores que acordam cego (sic), ficam expostos a trabalhos braçais pesados pessoas que são dadas de alguma forma a opressão capitalista em buscar da sobrevivência, às vezes pessoas com humildes residências em vários aspectos, dependentes de varias mobilidades para a sua locomoção, quando se tem comida estes mesmo levam em suas marmitas, ou se dão o desprazer de terem apenas uma refeição para o dia inteiro de trabalho (FERRAZ et al., 2018, p.3)

Não são raros os relatos de desistência desse público, seja por motivos cotidianos, como rotina doméstica e trabalho, seja por motivos educacionais, como pertencer a turmas multi seriadas e falta de incentivo por parte dos professores. Esses dois fatores aparecerão nos tópicos a seguir.

## 2.2 FATORES COTIDIANOS E OS IMPEDIMENTOS

Com a sociedade onde prioriza o dinheiro e o certificado a educação, em tese, não ocuparia um fator principal que incentive sua entrada ou permanência, portanto os resultados são exaltados, mas a trajetória para consegui-los não são. Aqui se observa o sustento sendo visto como objetivo principal de vida, mas a educação não consegue ocupar seu papel de



destaque, assim a aprendizagem não é valorizada em uma sociedade imediatista e consumista. Marx e Engels (2011, p.40) relatam que:

Os homens precisam comer, beber, moradia, roupas e demais objetos que os amparam em sua sobrevivência e, na satisfação das necessidades, a aprendizagem produzida é fundamental à sobrevivência e à continuidade da sua história. Descrevem assim que, relações sociais iniciadas no âmbito familiar expandem-se na sociedade, resultando numa educação adaptada ao período histórico que vive.

As dificuldades dos adultos por várias vezes chegam à escola à noite com a roupa do trabalho para não entrarem atrasados, em busca de uma nova chance. No período anterior a pandemia o desafio ficou maior no Brasil, entre 2010 e 2018 a queda nas matrículas foi de 17%, o que os pesquisadores acreditam que os números no período pandêmico sejam piores, pois acontece que muitos desses estudantes não possuem habilidades com aparelhos eletrônicos, estabelecendo vínculos mais fracos com a escola.

O tempo educacional do aluno não deve ser resumido às experiências de sala de aula. O processo de ensino e aprendizagem não se dá só nos espaços escolares, mas também em espaços diferenciados, envolvendo métodos e tempos próprios. Os saberes são construídos na escola, na família, na cultura, na convivência social, em que o encontro das diferenças produz novas formas de ser, estar e de se relacionar com o mundo (BIGNARDE, 2013).

Um ponto relevante é a proximidade da escola com suas residências ou locais de trabalho, já que todos trabalham e possui rotina doméstica, a maioria do público estuda na mesma escola que seus filhos e netos. Concordando com Snyders (2005, p.104) “São os trabalhadores que reivindicam, para os seus filhos, uma escola realmente aberta a todos, a sensibilidade às injustiças da escola agudiza-se paralelamente com a convicção de que é possível uma outra sociedade”.

Ainda abordando os desafios gerados na pandemia, o aluno de EJA teve que lidar nesse período com perda de emprego ou trabalho remoto, parentes doentes e até mortes, somado ao baixo investimento do governo, que se agravou no período citado, e que ainda tende piorar o quadro, afinal são 11 milhões de brasileiros acima de 15 anos que ainda não sabem ler nem escrever.

Elevar a taxa de alfabetização da população com quinze anos [...] até o final da vigência deste PNE, erradicar o analfabetismo absoluto e reduzir em cinquenta por cento a taxa de analfabetismo funcional. Oferecer, no mínimo, vinte e cinco por cento das matrículas de educação de jovens e adultos, nos ensinos fundamental e médio, na forma integrada à educação profissional (BRASIL, 2014, p. 34).

Em todos e todas as entrevistas, artigos científicos, relatos concordam que a maior dificuldade dos estudantes é a baixa autoestima ou a quase inexistência da mesma, por não se considerarem capazes de superar suas adversidades. Isso pode ser visto na dificuldade de mudança de mentalidade de um adulto que viveu metade de sua vida sem frequentar uma escola, já possui trabalho e família sem depender da educação, que na visão deles, não precisam mais de correr atrás do tempo perdido e que já estão satisfeitos com suas realizações, que já não almejam outras ambições.



(...) Os jovens e adultos alunos da escola de EJA trazem consigo uma enorme baixa-estima e uma forte sensação de serem totalmente rejeitados pela cultura letrada, da qual a escola é legítima representante. A recíproca dessa afirmação também é verdadeira, uma vez que a escola pensa esse aluno como alguém que não se enquadra aos seus rituais. (CALHÁU, 2007, p.80)

Quanto à questão tecnológica que se faz presente nos últimos anos, os estudantes de 50 e 60 anos possuem internet e celulares, contudo não sabem manuseá-los, porém o público mais jovem sabe fazer uso da tecnologia, apesar de não possuírem meios para obtê-los.

### 2.3 AS INSTITUIÇÕES E DOCENTES COMO AGENTES DESAFIADORES

Os educadores procuram inovar em sua sala de aula, entretanto encontram obstáculos porque vários estudantes são aqueles que estão retornando à escola após anos e esse mesmo público está em um contexto educacional diferente da época em que precisou se ausentar. Na maioria das vezes com sua bagagem de vida como filhos, casa, trabalho, entre outros e é difícil essa conciliação de cotidiano e educação, deixando-o em desvantagem, pois o estudante tem pressa, pois o seu tempo dedicado ao estudo é menor que de um aluno do ensino regular.

A estratégia de escolarização (...) é muito mais produto de esforço e mobilização individual do que de um efetivo investimento familiar ou de grupo ou, menos ainda, do próprio sistema educacional, que impõe uma série de barreiras para esse retorno, desde as condições limitadas de acesso até a inadequação de currículos, conteúdos, métodos, e materiais didáticos, que, geralmente, reproduzem de forma empobrecida os modelos voltados à educação. (ANDRADE, 2009, p. 41)

Esse estudante ainda possui em mente que o fracasso escolar seja responsabilidade unicamente dele, quando faz a atividade e comete algum erro, o mesmo acha que não tem mais o direito de errar. Esse comportamento não se repete com as crianças porque, para o jovem e o adulto, elas estão na idade “correta” de cometer erros. Refletindo sobre a questão Kohan (1999, p. 62) afirma que

não há crianças por natureza. Tampouco há adultos por natureza. Esta categorização social está acompanhada de práticas, saberes e valores que constituem identidades, enquadram relações interpessoais e delimitam modos de vida.

Ainda sobre esse tema Santos (2012, p.272) argumenta que

O aluno da EJA deve sempre se sentir capaz de fazer suas atividades, as tarefas que lhe fora proposta, o progresso do seu desenvolvimento surge através do bom funcionamento dos esquemas passados pelo professor para uma melhor resolução das atividades.

As desistências e reprovações também tem como fatores a falta de aulas dinâmicas, a ausência de diálogo com o educador, aulas em que consistem em escritas excessivas de matérias, deixando as aulas maçantes. Muitos justificam que abandonam a modalidade por preguiça, mas se observar atentamente a esse panorama percebe-se que a falta de inovações na escola são fatores desestimulantes.



O aluno precisa construir e reconstruir conhecimento a partir do que faz... o professor também precisa ser curioso, buscar sentido para o que faz e apontar novos sentidos para o que fazer dos seus alunos... O professor se tornou um aprendiz permanente um construtor de sentidos, um cooperador e sobre tudo um organizador da aprendizagem. (GADOTTI, 2011, p. 25).

Também ocorre o conflito de gerações nas salas de aula da EJA, enquanto os estudantes mais velhos comparecem aos estudos para aprender, geralmente os mais jovens comparecem as aulas sem a mesma pretensão, dispersam a turma e chegam a cometer *bullying*, o que pode resultar em desistência dos mais velhos para não se envolverem em possíveis episódios de violência. Nas palavras de Libâneo (2001, p. 53):

A educação de qualidade é aquela que promove o domínio de conhecimentos e o desenvolvimento de capacidades cognitivas, operativas e sociais necessárias ao atendimento de necessidades individuais e sociais dos alunos, à inserção no mundo do trabalho, à constituição da cidadania, tendo em vista a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Esse conflito, citado no parágrafo anterior, pode ser agravado quanto ao ritmo de aprendizagem diferente entre os jovens e os adultos. Enquanto os jovens aprendem de forma mais dinâmica, os adultos necessitam de um ambiente que possibilitem a concentração, ou seja, ambiente silencioso, com livros e cadernos dispostos à mesa e que o único som produzido seja do educador. Nicodemos (2013, p. 14) reconhece a escolarização de jovens e adultos como espaços que:

Recebem alunos e alunas pessoas com histórias e experiências de vidas diversificadas: vida profissional, histórico escolar, ritmo de aprendizagem, estrutura de pensamento, origens, etnias, idades, crenças etc. No entanto, a riqueza desse universo, marcado pela diversidade e pluralidade não é, quase nunca, reconhecida e valorizada no ambiente escolar.

A queda dos números de matriculados tem como origem o empasse de que a cultura do direito da educação ainda não chegou à mentalidade do estudante, o ensino esteja seguindo moldes rígidos quanto à preparação de conteúdo, no caso a EJA não estaria dialogando com o cotidiano desse público e que às vezes as secretarias de educação se restringem a esse público sem estabelecer abertura, já que é um público que possui bagagem de vida, com experiências, frustrações e outros fatores. Então é necessário o diálogo entre professor, aluno e secretaria de educação e que todos os pontos de vista sejam respeitados e que estejam em acordo com a comunidade escolar.

Almeje resgatar a cidadania do indivíduo... Também o interesse de participar da sociedade, a partir da promoção de situações que desenvolva o pensamento crítico e reflexivo, sem deixar de considerar os conhecimentos e habilidades de que esses sujeitos dispõem adquiridos de modo informal, em suas experiências acumuladas, cotidianamente, na comunidade onde vivem e nos espaços de trabalho. (SILVA, QUEIROZ, MONTEIRO, 2015, p. 2).

E tem outro fato que reflete a desistência dos estudantes: se a escola não atende as expectativas desse público, os mesmos não permanecem, já que nessa modalidade ninguém tem obrigação de permanecer, o contrário que ocorre no ensino regular. Uma mentalidade a ser observada é de que o estudante imagina que o professor está fazendo um favor para ele



seus colegas, quando na verdade o docente está presente na sala da EJA cumprindo seu papel de educador, desenvolvendo o pensar e o aprender desses alunos.

Nessa modalidade de ensino para jovens e adultos, o diálogo é outro aliado importante para o processo de ensino – aprendizagem, tendo em vista que o diálogo não é importante apenas para o desenvolvimento cognitivo, como também para o desenvolvimento da linguagem e socialização. O diálogo e a compreensão são portadores significativos para a modalidade da EJA, é uma atividade que precisa ser frequente para um bom relacionamento entre professor e aluno para que não haja situações frustrantes, entre ambos. (SANTOS, 2012, p.271).

Muitos jovens deixam de estudar no ensino regular e migram por economia de tempo que, se o Fundamental II é cumprido em quatro anos, a modalidade reduz esse tempo pela metade, contudo deve-se atentar de que a redução ou perda de conteúdos se faz presente nessa modalidade.

Existe uma indagação de que se é uma modalidade por que não se tem materiais ou pessoal específicos como professores preparados com formação para atender ao público, que é diferente da criança e do adolescente.

#### 2.4 REALIDADE DA EJA NO MUNICÍPIO DE TUPARETAMA

Neste tópico é apresentada a realidade da EJA no município de Tuparetama-PE, que apesar de ser considerado um município de pequeno porte, possui realidades distintas nesse quesito, portanto essa sondagem conta com pluralidade de respostas, tanto referentes as escolas, quanto aos docentes e o público alvo, desse modo confirmando que a modalidade tem vários perfis.

Na Escola Estadual Ernesto de Souza Leite desde o ano de 2011 possui o Projeto Travessia, no qual oferece a EJA Médio, que de 2008 a 2010 estava no que atualmente é a Escola de Referência no Ensino Médio Cônego Olímpio Torres. Nessa trajetória cerca de 300 pessoas passaram pelo projeto, sendo 15 que avançaram para o Ensino Superior, e 50 estudantes não concluíram o Travessia ou então ficaram entre idas e vindas.

O Projeto Travessia, com o objetivo de escolarizar o educando, na faixa etária a partir de quinze anos de idade, que tenha vivenciado os anos iniciais do Ensino Fundamental, e com dezessete anos em diante, ao jovem escolarizado no ensino fundamental para cursar o Projeto Travessia correspondente ao Ensino Médio. (SECRETARIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO, 2014, p.3)

Desde os primórdios o projeto disponibiliza duas turmas, inicialmente o público era majoritariamente de adultos e idosos, atualmente as turmas estão em equilíbrio etário: metade de adultos e idosos e metade de jovens, inicialmente era o público feminino que buscava o projeto, que agora se encontra em quantidades iguais entre homens e mulheres, independente de idade e de gênero, buscaram a modalidade alegando que era para melhoria de trabalho.

Estas propostas ganham espaço também na resolução CNE/CEB nº 02/2012, que redefine as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Entre os indicativos legais, a proposta que regulamenta a criação de outras formas de organização do ensino médio pode ser visualizada no art. 14 e inciso I no que se trata:



O ensino médio pode organizar-se em tempos escolares no formato de séries anuais, períodos semestrais, ciclos, módulos, alternância regular de períodos de estudos, grupos não seriados, com base na idade, na competência e em outros critérios, ou por forma diversa de organização, sempre que o interesse do processo de aprendizagem assim o recomendar. (BRASIL, 2012)

As desistências seguem a sequência relatada nos tópicos anteriores como cansaço, falta de apoio, questões etárias. Fenômeno a ser observado é o crescimento de alunos inclusivos que mesmo não sabendo o básico de leitura e escrita, ao fim do projeto, recebem o certificado de Ensino Médio modalidade EJA.

As classes de aceleração podem ser entendidas como rota alternativa e provisória para por em marcha as possibilidades desses alunos, alavancar seu processo de aprendizagem e permitir sua reinserção no percurso regular. El algum ponto eles tropeçam e tem o direito de retornar seu caminho, tendo acesso aos instrumentos de compreensão do mundo, ao convívio com seus pares de idade (...) (SAMPAIO, 2000. p.61-62)

As disciplinas disponíveis são as mesmas do ensino regular, contudo organizadas em telecurso e tendo o acréscimo de miniprojetos como Qualifica, Percurso Livre e Memorial. Quanto aos docentes são 2 que lecionam no projeto, um da área de Humanas e outro de Exatas e Ciências Naturais, sendo assim as formações acadêmicas dos mesmos são as que lecionam, ainda sim possuem cursos voltados para esse público como Magistério, Psicopedagogia, formações pedagógicas, entre outros. Os livros são específicos de acordo com cada disciplina das teleaulas e também destinados ao Travessia e apesar das adversidades os docentes não pensam em sair do projeto para se dedicarem exclusivamente ao ensino regular.

Aspecto fundamental para Anísio Teixeira refere-se que a educação não é um privilégio, mas sim a educação era dever e baseada numa consciência fundante:

A consciência da necessidade da escola, tão difícil de criar em outras épocas, chegou-nos, assim, de imprevisto, total e sôfrega, a exigir, a impor a ampliação das facilidades escolares. Não podemos ludibriar essa consciência. O dever do governo - dever democrático, dever constitucional, dever imprescritível - é de oferecer ao brasileiro uma escola primária capaz de lhe dar a formação fundamental indispensável ao seu trabalho comum, uma escola média capaz de atender à variedade de suas aptidões e das ocupações diversificadas de nível médio, e uma escola superior capaz de lhe dar a mais alta cultura e, ao mesmo tempo, a mais delicada especialização. Todos sabemos quanto estamos longe dessas metas, mas o desafio do desenvolvimento brasileiro é o de atingi-las, no mais curto prazo possível, sob pena de perecermos ao peso do nosso próprio progresso (TEIXEIRA, 1994, p.33).

Já a Escola Municipal José Agostinho dos Santos, única localizada em área rural, se vê em outra realidade: já foi considerada a melhor na EJA Fundamental, contudo não possui novas turmas desde 2017, quando encerrou suas atividades após 12 anos mudando vidas. Naquele ano teve duas turmas (2ª e 3ª fases), inscritos 24 alunos no total, contudo com reprovação/evasão de 9 estudantes.

O que pode ser levado em conta é que existiam números iguais de homens e mulheres, jovens e adultos. As disciplinas eram as mesmas do ensino Fundamental regular, mas não



possuía materiais e nem planos de aula específicos da modalidade, prejudicando tanto na procura quanto na metodologia de ensino aplicada. Antes possuíam 5 docentes para a EJA, contudo eram especialistas em suas áreas, mas não no ensino dessa modalidade e não disponibilizavam de matérias específicos para essas turmas e os professores não desistiam de lecionar na EJA para completar a carga horária.

A procura dos alunos era consequência de que trabalhavam durante o dia e só tinha a noite para estudar. Já os motivos alegados na desistência desses alunos vinham do cansaço, falta de estímulo e perspectiva de vida e que, apesar dos revezes, conseguiam concluir o ano em que estavam cursando e muitos prosseguiram os estudos no projeto Travessia.

O que ambos os casos tem em comum é a questão do custo benefício desse ensino para as escolas: enquanto que no Travessia o público diminui a cada ano, no EJA da escola referida anteriormente já saiu de sua grade de turmas, pois a manutenção das mesmas possui custo elevado para baixa procura que cada ano se torna realidade e ficou mais evidente após a pandemia. No caso das escolas municipais a estratégia utilizada foi escolher uma única para disponibilizar turmas e as demais (onde tinham EJA) contribui com o transporte para o deslocamento desses estudantes.

### 3 METODOLOGIA

A metodologia utilizada para o presente trabalho é a pesquisa bibliográfica qualitativa, adquirida através de artigos científicos, livros de teóricos da área como Paulo Freire, Demerval Saviani, Anísio Teixeira entre outros pesquisadores. Todos esses estudiosos deram relevantes contribuições para a educação, mais especificamente para a EJA, pois tratam os discentes como indivíduos com grande potencial de aprendizagem e em suas obras possuem visão humanizada, construtivista.

A parte destinada à pesquisa e análise de fontes bibliográficas objetiva ampararem os argumentos de acordo com autores que em seus trabalhos abordam temas similares, com isso obtendo meios de compreensão das ideias e organização das mesmas.

Além das fontes ditas analógicas também foram utilizados recursos digitais como vídeos de entrevistas com docentes e discentes disponibilizados no *Youtube*, cada vídeo contem depoimentos tanto dos professores que observam o cotidiano escolar de seus estudantes, bem como esses mesmos estudantes relatam seu cotidiano tanto doméstico/familiar quanto o escolar, assim tornando mais fácil delimitar o público alvo e os desafios vivenciados.

Para complementar tais dados foram vistos também vídeos de gestores e outros profissionais envolvidos na vida escolar, pois esses também possuem pontos de vista essenciais para a temática e que não podem ser desconsiderados.

Contextualizando a temática com a realidade no município foram estabelecidos diálogos com professores das redes municipal e estadual para atualizações de dados da modalidade, ou seja, como que está ou foi implantada na escola e quais os motivos para manutenção ou saída dessas turmas das instituições.

Para promover a assimilação da temática o referencial se apresenta em quatro tópicos distintos: a cara da EJA: público alvo, fatores cotidianos e impedimentos, as instituições e docentes como agentes desafiadores e a realidade da EJA no município de Tuparetama.

Essa metodologia foi desenvolvida para melhor compreensão e contextualização da pesquisa, pois está baseada no ponto de vista dos egressos e como foi vivenciada essa etapa da vida deles, ainda sim mantendo o parâmetro acadêmico exigido e organizado de acordo com a ABNT.



## 4 RESULTADO E DISCUSSÃO

Os resultados mostram que a modalidade ainda tem contribuições a oferecer aos interessados que querem retornar a educação e que é necessária para modificar o panorama de abismo social presente na realidade brasileira, onde os mais abastados estudam no tempo certo e os mais marginalizados estudam quando podem.

O estudante também é marginalizado dentro do contexto educacional, onde os maiores investimentos são destinados ao ensino regular, pondo em segundo plano a EJA, fazendo com que as escolas para manterem as turmas busquem alternativas para sanar as necessidades, mas ainda sim se tornam medidas impopulares ou aquém do que é previsto como, por exemplo, estudantes da EJA possuírem transporte que prioritariamente pertence ao ensino regular. Também não garantem *status* às instituições por não ser considerado o ponto forte de provas externas.

Os professores também não oferecem o melhor da educação para seus alunos, pois não se sentem motivados a inovarem ou utilizarem materiais e metodologias específicos para esse perfil de estudante porque são tratados como complemento de carga horária e não como prioridade, mas isso também é reflexo da rotina do docente, que já vem de horas a fio em sala de aula e ainda deve lecionar.

Já o estudante por várias vezes é considerado pela sociedade em geral como causa perdida, porque julgam que se não aprendeu na “idade certa” não tem como aprender mais nenhuma nova habilidade, aumentando o preconceito que é experimentado diariamente. Com esse panorama a desmotivação surge rapidamente, com isso vem a evasão escolar.

O panorama familiar também tende a piorar o cenário descrito anteriormente, no qual podem surgir momentos de incompreensão, falta de apoio e até mesmo de proibição de frequentar a escola, muitos desistem para não provocar discussões em ambiente doméstico, que em alguns casos, já é hostil.

O desestímulo também parte do próprio estudante, que ora não tem objetivos de vida, ora tem objetivos que se alcançam ao longo prazo e geralmente esse estudante tem pressa, mas precisa manter o foco para não desanimar rapidamente e como a educação é um processo, alguns não possuem foco suficiente para progredir nos estudos.

Diante do que foi visto se aposta pouco no potencial desses discentes porque além da experiência de vida o seu cotidiano faz com que sejam tachados de incompetentes ou então romantizam aqueles que retornaram aos estudos e que não é fácil o retorno, mas não é objetivo inalcançável.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se através desse artigo que, do ponto de vista do estudante da EJA, a modalidade ainda tem contribuições a oferecer aos interessados que querem retornar a educação e que é necessária para modificar o panorama de abismo social presente na realidade brasileira, onde os mais abastados estudam no tempo certo e os mais marginalizados estudam quando podem.

Para diminuir a desmotivação desse público e episódios de desistência, a comunidade escolar tem apostado em uma abordagem mais humanizada, receptiva e dialógica, investindo em espaços adequados, em formações para professores, sejam capacitações ou pós-graduações na área e materiais didáticos específicos, contribuindo para o progresso da modalidade.

Observa-se que a EJA ainda oferece uma oportunidade de um futuro melhor ou, pelo menos, um presente mais digno, que já se vê sufocado com os afazeres do cotidiano (trabalho,



rotina doméstica e familiar), podendo ser conflitos geracionais entre os próprios colegas de classe, precariedade de transporte, presença das crianças por falta de creche ou outro responsável que fique com elas, desestímulo vindo de parentes e amigos.

Também os docentes estão conscientes de seu papel de educadores e cada vez mais investe em materiais específicos para as aulas, utilizando de forma proveitosa materiais, elaborando projetos e planejamentos eficazes, destacando a riqueza de conteúdo que se faz presente nos mesmos. O que pode ser melhorado é o aspecto da carga horária, que de complemento a EJA tem potencial de se tornar carga horária principal, bem como melhorar a relação professor-aluno, onde todos aprendem e todos ensinam independente de faixa etária.

Atendo-se com a problemática e as respostas alcançadas objetivou-se compreender o perfil do público alvo e percalços que o estudante de EJA vivencia dentro e fora da sala de aula, apesar dos inúmeros investimentos e incentivos para permanência dos mesmos nessa modalidade.

Conclui-se que além de apoio familiar e uma turma de EJA bem estruturada, pode ser apontada também que a força de vontade do estudante deve ser levada em conta, pois não basta querer vencer desafios, deve ter vontade de permanecer na educação e vislumbrar um futuro melhor para si.

É sempre bem quista a investigação com mais estudos sobre o tema, produzindo outras pesquisas além dos autores pesquisados que possibilitam a reflexão sobre a temática consultando novas fontes, desse modo enriquecendo a pesquisa sobre a Educação de Jovens e Adultos.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Eliane R. *Os jovens da EJA e a EJA dos jovens*, In: OLIVEIRA, Inês B; PAIVA, Jane (Org.). **Educação de jovens e adultos**. RJ: DP&A, 2009.

ARROYO, M. G. *Educação de jovens e adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública*. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, M. A.; GOMES, N. L. (Org.). **Diálogos na Educação de Jovens e Adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 19-50

BIGNARDE, Kleber Gonçalves. **A organização curricular na política de currículo da EJA para os CEJAs em Mato Grosso de 2008 a 2011**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Mato Grosso – Programa de Pós Graduação em Educação. Cuiabá. Brasil.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Lei n.º 9.394**, 20 de dezembro de 1996.

\_\_\_\_\_. **Plano Nacional de educação 2014-2024**: Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, que aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providencias. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014.

\_\_\_\_\_. **Resolução CNE/CEB Nº 1**, de 5 de julho de 2000. Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica. **Resolução CNE/CES nº 2** de 30 de Janeiro de 2012. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Diário Oficial da União, Brasília, 31 de janeiro de 2012, Seção 1, p. 20.



CALHÁU, Maria do Socorro Martins. **A concepção do aluno nos programas de EJA no Brasil**. Revista ACOALFAplp: Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua portuguesa, São Paulo, ano 2, n. 3, 2007. Disponível em: e ou . Publicado em: setembro 2007.

FÁVERO, Osmar. *Lições de História: os avanços de sessenta anos e a relação com as políticas de negação de direitos que alimentam as condições de analfabetismo no Brasil*. In: Oliveira, Inês Barbosa & Paiva, Jane (orgs). **Educação de Jovens e Adultos**. Coleção O sentido da Escola. Rio de Janeiro: DP&A 2004. pp. 13-28.

FERRAZ, Cleiton Pereira; AMORIM, David Frazão; SILVA, Nathália Nunes da; CARDOSO, Joselina Almeida Diniz. **Educação de jovens e adultos: reflexões sobre o papel do docente**. São Luís: Pitágoras, 2018.

FREIRE, Paulo. **Educação e atualidade brasileira**. 3. Ed. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2003.

GADOTTI, Moacir. **A boniteza de um sonho: ensinar - e - aprender com sentido**. 1ed. São Paulo: Ed. Instituto Paulo Freire, 2011.

KOHAN, Walter Omar. *Filosofia e infância: Pontos de Encontro*. In: KOHAN, Walter Omar; KENNED, David. **Filosofia e Infância: possibilidade de um encontro**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1999.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Ideologia Alemã: crítica da mais recente filosofia Alemã em seus representantes, Feuerbach, B. Bauer e Stiner, e do socialismo Alemão em seus diferentes profetas**. São Paulo: Bomtempo, 2011.

NICODEMOS, Alessandra. **Ensino de História na EJA: o legado da educação popular e os desafios docentes na formação do aluno jovem e adulto trabalhador**. Anais do XVII Simpósio Nacional de História. ANPUH. Natal, 2013.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. **Leitura freireanas sobre educação**. São Paulo: Ed: UNESP, 2003.

SAMPAIO, M. das M. F. **Aceleração de Estudos: uma intervenção pedagógica**. Revista Em Aberto (Programa de Correção de Fluxo). Brasília, v.17, janeiro de 2000, p.57-73.

SANTOS, Aguinacira Ciebre dos. **Ser Educador na EJA: mais que um mediador no processo de superação e desafios de aprendizagem**. Revista Eventos Pedagógicos, Mato Grosso, v.3, n. especial, p. 268 – 275, Abril. 2012.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 9. ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

SECRETARIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO. **Proposta pedagógica: centros de atendimento socioeducativos- CASEs**. Recife: Secretaria Estadual de Educação, 2014.

SILVA, Simone Pereira da et al. **O papel dos professores do EJA: Perspectivas e desafios**. Disponível em: < <https://www.google.com>>. Acessado em: 30 jun 2022.

SNYDERS, G. **Escola, Classes e Luta de Classes**. São Paulo, Centauro, 2005.



TEIXEIRA, Anísio. **Educação não é privilégio**. 5<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.